

VENDER AS "JÓIAS DA COROA"

por Mário Soares

Sou, como se sabe, a favor de uma economia de mercado. Desde que seja regulamentada com princípios éticos e não dê lugar a uma economia virtual, facilitada pelos "paraísos fiscais" e pelas grandes negociatas, promovidas por políticos e tecnocratas corruptos. Numa só frase: sou pela economia de mercado, mas não por sociedades de mercado. Não aceito que os mercados especulativos possam dominar - e até destruir - os Estados, como está a ocorrer na União Europeia. Pelo contrário: penso que os Estados soberanos devem regulamentar os mercados e metê-los na ordem.

Sou socialista, mas não suporto o socialismo de Estado, que deu lugar, como se sabe, à tirania comunista. Sou, acima de tudo, pela Liberdade e pelos Direitos Humanos, numa palavra, por Estados de Direito, regulados pelas Constituições, como leis fundamentais, tendo como principais objectivos: a paz, a justiça social, o bem-estar dos cidadãos e a luta contra as desigualdades, pela realização de conquistas sociais, como: as pensões para os reformados e os idosos, os Serviços Nacionais de Saúde, tendencialmente gratuitos e a educação facilitada para os que querem estudar e não têm recursos. Acredito no pluralismo político - não há democracia sem Partidos - na liberdade e independência da imprensa, no diálogo social entre sindicatos e associações patronais e em Estados sem gorduras, como se diz agora, mas com as responsabilidades que lhes incumbem e o poder democrático que a Constituição lhes atribui. Sou socialista ou como outros Estados europeus se auto-apeidam (excepto Portugal) social-democratas ou trabalhistas, três designações para a mesma realidade.

Vem isto a propósito do problema das chamadas privatizações que o actual Governo entende dever fazer, pela sua simples vontade política e ideológica, sem qualquer discussão aprofundada e transparente, no Parlamento ou na Comunicação Social, e num momento de crise aguda para o País. Porquê? Porque a Troika manda? Ou porque precisa de dinheiro e o vai gastar? Nesse caso, onde? E porquê?

Trata-se de um problema sério e que, por isso, me preocupa muito. Note-se que não sou, por definição, hostil às privatizações. Foi num governo a que me honro de ter presidido que os primeiros bancos foram privatizados, depois das nacionalizações que se seguiram ao 11 de Março de 1975. Mas agora, ao que parece, trata-se de vender "as jóias da coroa" e com o dinheiro que daí possa vir, provavelmente, a esfumar-se e a pobreza do Estado a acentuar-se de forma irremediável. Saberão os governantes a tremenda responsabilidade em que incorrem?

A verdade é que quando há dificuldades é ao Estado que se recorre. Como sucedeu mais uma vez com os bancos, quando tivemos que pedir dinheiro à União Europeia e ao FMI para evitar a bancarrota.

O Governo, ao que se diz, prepara-se para privatizar, vendendo não a grupos portugueses, mas ao estrangeiro e a empresas, curiosamente, nacionalizadas, empresas portuguesas de valor estratégico, como : a EDP, a REN, uma parte da RTP, a GALP, a CP, as Águas de Portugal, a Ana, a TAP, os CTT, etc. Para onde vai o dinheiro recebido? E com o que ficaremos de sólido? Serve isso a Portugal ou, tão só para agradar à Troika? Ou aos agentes desses negócios?

Atenção, Senhores membros do Governo e dos outros órgãos de soberania: vender, sem mais nem menos, o património mais importante e estratégico do nosso País, no plano internacional e tendo em vista o futuro, sem que os portugueses no seu conjunto, mas seguramente na grande maioria, sejam vistos nem achados, é algo de muito grave e, se corre mal, como julgo, de imperdoável. Oíçam, ao menos, a vontade popular que é, em democracia, o que o Povo mais ordena...

Lisboa, 29 de Dezembro de 2011